



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7731 | Salvador, segunda-feira, 29.07.2019

Presidente Augusto Vasconcelos



EMPREGO

Entrevista: País vive regime de exceção, afirma Emir Sader

Página 2

Fim de semana de muitos debates para a categoria

Página 4

Ladeira abaixo

Ao contrário dos altos lucros dos bancos, o emprego bancário desce a ladeira. No primeiro semestre, foram fechados

2.057 postos de trabalho. Uma atitude injustificada, já que o setor não passa por crise. Muito pelo contrário. Página 3

FOTOS - JOÃO UBALDO



Sem um número suficiente de bancários, a situação de muitas agências é caótica. É tanta gente que falta até cadeira para o cliente sentar. Não dá



O Estado antidemocrático

Pesquisador, professor de Filosofia Política e Sociologia em universidades de grande credibilidade como USP, Unicamp e UERJ, Emir Simão Sader afirma que o Brasil atravessa um “Estado antidemocrático” e diz que o ultraliberalismo de Bolsonaro é bem pior do que o neoliberalismo de FHC.

Ele ministrou o curso Formação Política, promovido pelo Sindicato dos Bancários da Bahia, semana passada, quando falou com exclusividade para **O Bancário**. Como afirma na entrevista, a tarefa emergencial é reconquistar a democracia e construir um “regime solidário e humanista”.

ROGACIANO MEDEIROS imprensa@bancariosbahia.org.br

O BANCÁRIO – O Brasil atravessa um regime de exceção?

SADER – O Brasil atravessa um regime de exceção, que eles querem transformar em um estado de exceção. O regime de exceção é a ruptura das regras democráticas, enquanto o Estado de exceção é fechar as possibilidades de a democracia voltar a ser instaurada.

O BANCÁRIO – Quais os principais fatores que levaram o Brasil a tamanho retrocesso?

SADER – O primeiro e mais importante é a intolerância da oligarquia que está no poder, de conviver com os direitos dos trabalhadores. Fizeram de tudo, inclusive tramóias e ilegalidades para impedir que o Lula fosse eleito e o Haddad também fosse eleito, que não seriam governos radicais. Seriam governos que conviveriam com os interesses deles, mas afirmariam os interesses dos trabalhadores.

O BANCÁRIO – Qual a diferença entre o neoliberalismo tucano de FHC e esse ultraliberalismo de Bolsonaro, que no livro o senhor chama de pós neoliberalismo?

SADER – Primeiro, o outro tinha um caráter democrático. Ganhou eleições, perdeu eleições, enquanto esse de agora não tem caráter democrático. Segundo, o neoliberalismo dos tucanos era relativamente mais moderado, sobretudo em termos de políticas sociais, direitos do trabalhador e outras questões. Eram contra, mas conseguiam conviver e tampouco radicalizaram tanto na privatização do patrimônio público.

O BANCÁRIO – Professor, vivemos o Estado pós democrático, como sugere o título do livro do jurista Rubens Casarra?

SADER – Olha, pós democrático não quer dizer muita coisa, assim como pós neoliberalismo também não quer dizer.

Só significa que veio depois. Eu acho que na verdade é um estado antidemocrático. Isso é mais central. Sempre que o neoliberalismo não conquista bases de apoio, suas políticas são muito restritas para manter o interesse da população, eles precisam de um regime de exceção para poder se manter no poder.

O BANCÁRIO – Bolsonaro conclui o mandato?

SADER – Não dá para saber. É um processo aberto, eu acho que a princípio ele não conclui, porque nem os interesses das elites dominantes que o elegeram ele atende plenamente.

O BANCÁRIO – O que é pior, com Bolsonaro ou sem Bolsonaro mas com essas forças que o sustentam?

SADER – Para a direita é melhor sem Bolsonaro. Ele foi um ótimo candidato, mas é um péssimo governante. Para o país, sem Bolsonaro, com certeza. Para a esquerda, quanto mais

tempo ele ficar, mais ele vai desorganizar a possibilidade de a direita dirigir o país.

O BANCÁRIO – Até que ponto o escândalo da Lava Jato pode contribuir para a resistência democrática?

SADER – O escândalo confirma tudo que a esquerda, a começar pelo Lula, sempre disse. Perguntamos para Lula se alguma coisa o escandalizou no que o *Intercept* está revelando e ele disse que não, que era tudo que ele imaginava.

O BANCÁRIO – Além da retomada da democracia, como recolocar o homem no centro da sociedade, hoje ocupada pelo deus mercado?

SADER – Terminar com o neoliberalismo, onde o que conta é o poder do dinheiro, não as pessoas, as necessidades do ser humano. O que é preciso fazer é superar o neoliberalismo e construir um regime solidário e humanista.

JOÃO UBALDO



Para o professor e sociólogo Emir Sader, é preciso superar o neoliberalismo

Rotatividade para lucrar mais

A **ROTATIVIDADE** continua sendo utilizada pelos bancos. Em junho, o salário médio dos demitidos correspondia a R\$ 7.278,00. Já a remuneração média dos contratados equivalia a R\$ 4.781,00. Ou seja, os novos bancários foram admitidos recebendo 66%

do que ganhavam os demitidos.

Outra estratégia usada pelo setor é o achatamento salarial. De janeiro a junho, foi verificado que o salário médio dos dispensados era de R\$ 7.010,00, enquanto a remuneração média dos admitidos equivalia a R\$ 4.673,00.



Na contramão, desigualdade de gênero no setor aumenta

UMA triste realidade a reforçar que os bancos não têm responsabilidade social e não investem em igualdade de oportunidades. A desigualdade de gênero tem aumentado de forma preocupante ao longo deste ano.

Em junho, as mulheres foram admitidas recebendo, em média, R\$ 3.866,00, o que equivale a 69% do salário dos bancários recém-ingressos (R\$ 5.574,00). As demitidas ganhavam R\$ 6.472,00. Em média,

81% do salário médio dos desligados (R\$ 8.022).

No semestre, as bancárias contratadas ganhavam, em média, 75% da remuneração dos homens na mesma condição. O valor delas era de R\$ 3.967,00 contra R\$ 5.279,00 deles.

Já as demitidas recebiam R\$ 5.848,00 em média, 72% do que ganhavam, na média, os dispensados (R\$ 8.118,00). Em todos os recortes, a diferença salarial existe.

JOÃO UBALDO



Em junho, as bancárias admitidas receberam 69% do salário dos homens



JOÃO UBALDO

Agências lotadas são reflexo do déficit de funcionários

Lucrativos, bancos cortam 2.057 postos

Em contrapartida, ganhos devem crescer 18,9%

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br

COM previsão de registrar aumento no lucro de 18,9% no semestre, os bancos seguem com a política perversa de eliminar mão de obra para reduzir gastos, como se precisassem. O setor bancário cortou 2.057 postos de trabalho entre janeiro e junho deste ano.

Segundo dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), no semestre 17.279 bancários foram demitidos contra 15.222 contratados. Não dá para entender. Com tanto dinheiro nos cofres e expansão no número de clientes, a lógi-

ca seria contratar e não demitir.

Os números não negam que o negócio é lucrativo. Em 2018, Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa e Santander lucraram R\$ 85,9 bilhões, alta de 16,2% na comparação com 2017, quando os ganhos dessas empresas, que respondem por 90% dos empregos bancários no país, chegaram a R\$ 74 bilhões.

Em relação ao primeiro semestre de 2019, apenas Bradesco e Santander divulgaram os balanços. Os lucros foram de R\$ 12,7 bilhões e R\$ 7,120 bilhões, respectivamente.

Apesar da grave crise econômica que atinge o Brasil, o sistema financeiro segue inabalado. Não podia ser diferente. Os bancos cobram taxas e tarifas extorsivas, *spread* bancário altíssimo, além de reduzirem cada vez mais os gastos com pessoal.

Amanhã tem reunião sobre Saúde Caixa

PARA discutir as demandas relacionadas ao Saúde Caixa, acontece reunião, amanhã, com os empregados da Caixa. O encontro será às 19h, na sede do Sindicato dos Bancários da Bahia, nas Mercês.

Com os ataques do governo aos planos de saúde dos tra-

balhadores de estatais, como a resolução CGPAR 23, o debate é essencial. A reunião é uma iniciativa do Sindicato da Bahia e da AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa), e contará com a participação da Gipes (Gestão de Pessoas da Caixa).

Conferência no fim de semana

Combate aos retrocessos norteiam as discussões

RENATA ANDRADE
imprensa@bancariosbahia.org.br

CERCA de 630 bancários de todo o país têm compromisso marcado entre os dias 2 e 4 de agosto, em São Paulo. É a 21ª Conferência Nacional. O foco central será a defesa dos bancos públicos, principais alvos dos duros ataques do governo. Bolsonaro e a equipe econômica não escondem que querem entregar todas as empresas públicas brasilei-

ras de mãos beijadas ao grande capital.

Os trabalhadores também vão discutir diversos temas, como saúde, emprego e a MP 881, que autoriza o trabalho no fim de semana e feriados. O combate aos retrocessos direcionados à classe trabalhadora estará no centro dos debates dos empregados.

Do total de participantes, vão representar a Bahia e Sergipe na Conferência 38 representantes, sendo 29 delegados, 6 convidados e 3 delegados natos.

Bancos públicos

Os funcionários do Banco do Brasil e da Caixa também vão discutir medidas para

frear os golpes do governo às estatais, nos dias 1º e 2 de agosto, durante os congressos nacionais da duas empresas, em São Paulo.

Desmonte do BB, manutenção da luta contra a resolução 23 da CGPAR e mecanismos de defesa da Cassi serão os principais temas debatidos no 30º Congresso Nacional. Já os 328 delegados da Caixa discutirão, no 35º Conecef, a defesa do Saúde Caixa, Funcef, combate à reestruturação e ao desmonte dos direitos dos trabalhadores.

Foco na Conferência e nos congressos do BB e Caixa



O importante é cruzar a linha de chegada, seja qual for o tempo de prova

Se inscreva logo na 23ª Corrida dos Bancários

QUEM não abre mão de uma boa atividade física ao lado de colegas e amigos não pode ficar de fora da 23ª Corrida dos Bancários. As inscrições começaram e seguem a todo vapor e com preços bem em conta para os associados ao Sindicato.

O primeiro lote custa apenas R\$ 48,00 para os sindicalizados. Os demais corredores pagam R\$ 62,00. Mas, é bom garantir a participação em uma das mais tradicionais corridas de rua de Salvador antes da virada de preço. As vendas do primeiro lote vão até 11 de agosto. A partir do dia 12, os associados pagam R\$ 58,00 e o público geral R\$ 72,00.

Como diz o ditado, “em time que está ganhando não se mexe”, e novamente o Parque Costa Azul é o cenário para a largada e a chegada da corrida. No local, serviço de massoterapia, atendimento médico e muitas frutas para recarregar a energia.

A prova terá dois percursos, como no ano passado. Um de 8,2 quilômetros e outro menor, 4,5 quilômetros, para atender o máximo possível de atletas. O ritmo de corrida não importa. O que vale mesmo é participar. Os bancários interessados em correr podem aproveitar o friozinho para treinar, afinal a prova acontece no dia 25 de agosto.

SAQUE

Rogaciano Medeiros

MONOCRACIA O Brasil afunda, com a convivência das elites ditas liberais, em um autoritarismo centrado na autocracia. Poder absoluto do governante, no caso o clã Bolsonaro. A afirmação do presidente, de que quer mesmo beneficiar o filho Eduardo ao indicá-lo embaixador, e a declaração de que se quiser o torna chanceler no lugar de Ernesto Araújo, confirmam o caráter monocrático do regime.

SUBALTERNIDADE Para o ultraliberalismo, que necessita da violência institucional para prosperar, é até bom que o regime seja autocrático e Bolsonaro aja como imperador. Ajuda na maximização dos lucros, na pilhagem da riqueza nacional e na superexploração do povo. Agora, se não cumprirem a agenda econômica, caem rapidinho: o governo e o presidente. Peças de reposição.

DESESPERO A mídia toda alardeou que ministros do STF teriam se espantado com a pressa desesperada de Sérgio Moro, ministro da Justiça e ex-juiz, para destruir as mensagens apreendidas com os *hackers*. Único citado, Marco Aurélio Mello reagiu dizendo ser uma prerrogativa do Judiciário. Tudo bem, o Supremo se espanta, mas e aí? Fica por isso mesmo? Está demais.

DESPROTEÇÃO A cada semana, mais podridão no escândalo da Lava Jato e o sistema de justiça não toma nenhuma providência ou atitude. Virou esculhambação. Agora, a notícia de que Dallagnol fez palestra para empresa delatada e ainda queria serviços. É desmoralizante, o cidadão se sente ofendido, tiranizado por quem devia protegê-lo.

INQUIETADOR Ciente de que a trama da prisão dos *hackers* não será suficiente para calar o *Intercept*, Moro baixou portaria a fim de criar as condições para a deportação do jornalista norte-americano Glenn Greenwald. Só não enxerga quem não quer. O regime endurece cada vez mais, com maior velocidade. A resistência democrática não tem conseguido conter o avanço do neofascismo. Infelizmente.